

Os websites como espaço virtual de construção de identidades: o caso do agrupamento HIJOS na América Latina

Janaína C. Freitas¹
Ingrid F. Giarnordoli-Nascimento²
Flaviane C. Oliveira³
Jaíza P. D. Cruz⁴
Thayna L. A. Santos⁵
Maria de Fátima S. Santos⁶
Bárbara G. Mendes⁷

Resumen

Los regímenes dictatoriales que golpearon los países latinoamericanos en la segunda mitad del siglo XX ocasionaron la aparición de diferentes espacios para la movilización política, ampliando, de esta forma, los nuevos tipos de movimientos sociales. El objetivo de este estudio es analizar los contenidos publicados por la agrupación H.I.J.O.S., creada por los hijos de militantes políticos, como espacio de memoria y valoración identitaria. Específicamente, se pretende destacar el uso de las Nuevas Tecnologías de la Información y la Comunicación (NTIC), en esos sitios en especial, para la difusión y preservación de esa memoria. Los datos fueron recogidos entre las publicaciones de las secciones "informes" de los sitios web HIJOS de Argentina, Chile, Colombia, Guatemala, México, Uruguay, Paraguay y Perú. Los análisis se dieron con el apoyo del software ALCESTE. Más que exponer las páginas web como un espacio de reconstrucción de la memoria social, los contenidos encontrados en los sitios posibilitan la creación de otras versiones sobre el período. Al mezclar recuerdos de distintas generaciones, así como experiencias y memorias personales, los HIJOS promueven, por lo tanto, la reorganización de las dinámicas y estrategias familiares para encontrar nuevas informaciones que podrían ayudar a fortalecer los vínculos y construir nuevas identidades.

¹ Mestranda em Psicologia e pesquisadora voluntária do Núcleo de Memórias, Representações e Práticas Sociais/MRPS – Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG – Brasil – jana_cfreitas@yahoo.com.br

² Doutora em Psicologia e Coordenadora do Núcleo MRPS – UFMG – Brasil – fgian@uol.com

³ Doutoranda em Psicologia (CAPES) e pesquisadora voluntária do Núcleo MRPS – UFMG – Brasil – flavianecoliveira@gmail.com

⁴ Mestre em Psicologia e pesquisadora do Núcleo MRPS – UFMG – Brasil – jaizacruz@gmail.com

⁵ Graduanda em Psicologia e bolsista FAPEMIG do Núcleo MRPS – UFMG – Brasil – thaynapsic@gmail.com

⁶ Doutora em Psicologia e docente do Departamento de Psicologia – Universidade Federal de Pernambuco – Brasil – santos.fatima9@gmail.com

⁷ Mestre em Psicologia e pesquisadora voluntária do Núcleo MRPS – UFMG – Brasil – baarbaragm@gmail.com

Palabras clave: Identidad Social, Ciberespacio, Golpes de Estado en América Latina.

Os websites como espaço virtual de construção de identidades: o caso do agrupamento HIJOS na América Latina

Introdução

Os regimes autoritários ocorridos na América Latina, durante a segunda metade do século XX, foram marcados por sucessivas violações dos direitos humanos. Diferentes características são observadas quanto aos contextos histórico-sociais e políticos que levaram aos golpes, à atuação das forças repressivas, à duração destes períodos e ao processo de redemocratização vivenciado. Contudo, o desaparecimento das liberdades democráticas e dos direitos individuais foram práticas sistematicamente utilizadas em todos esses Estados.

No contexto do Cone Sul⁸, todas as nações passaram por golpes militares, geralmente reformulando as relações internas de poder e o exercício da política. Estes governos tinham em comum um intenso discurso anticomunista, respaldando sua legitimidade na ideologia da segurança nacional (Penna Filho, 2009). Sob a tutela norte-americana, implantaram a Doutrina de Segurança Nacional ancorados no entendimento de que qualquer intimação comunista na América Latina poderia ser o sinal da ofensiva imperialista soviética nos territórios da base aliada (Padrós, 2009).

No Brasil, o golpe de Estado contra o governo João Goulart em abril de 1964, deu início a expansão da onda contra insurgente por todo o continente, tornando o país laboratório de práticas repressivas e foco disseminador das mesmas (Almeida & Weis, 1997, Padrós, 2009). Os governos estabelecidos no Paraguai⁹ (1954), Argentina (1966 e 1976), Bolívia (1966 e 1971), Uruguai e Chile (1973), tinham como principais eixos um anticomunismo militante, a identificação do inimigo interno (os subversivos), a execução da guerra interna, a imposição do papel político das Forças Armadas e a definição de fronteiras ideológicas (Olivier, 2003; Novato & Palermo, 2007, Padrós, 2009).

Nesse contexto, é importante destacar o papel dos familiares de presos políticos, desaparecidos e mortos, que foram fundamentais nas ações de denúncia e combate as arbitrariedades dos regimes de exceção em toda a América Latina. Como sinaliza Teles (2010), os familiares são aqueles atores sociais que provocam, interrogam e redimensionam o presente, e como sobreviventes de um tempo difícil de ser lembrado, colecionam fragmentos que fazem lembrar os seus, assumindo-se como herdeiros da memória.

Sendo os familiares importantes atores no campo dos direitos humanos, problematizando as fronteiras entre memória, história e justiça nos dias atuais, destacamos neste trabalho, um movimento social específico de filhos de militantes políticos: “H.I.J.O.S - Por la Identidad y la Justicia Contra el Olvido y El Silencio”. O movimento teve início na Argentina, passando a abranger outros países que sofreram com regimes autoritários. Cabe mencionar, que dentro dos Estados Nacionais, podem-

⁸ Os países que compõem o Cone Sul: Brasil, Bolívia, Argentina, Paraguai, Uruguai e Chile (Dorfman & Cardin, 2014; Ovando Santana, 2012).

⁹ No Paraguai o golpe militar não representou uma interrupção abrupta de um regime democrático. O país vinha de um histórico de regimes autoritários sucessivos. Em maio de 1954, Alfredo Stroessner se colocou no poder e governou até o golpe de Estado que o destituiu em 1989. “Se trata, pues, de una dictadura de larguísima duración: 35 años de gobierno unipersonal y omnídomo” (Pa, 2008: 28).

se encontrar agrupamentos regionais, numa estrutura, portanto, que não é padronizada. Não obstante, todos os grupos propõem a construção de um espaço de compartilhamento, apoio mútuo e possibilidade de expressão da luta política travada pelos sujeitos em busca da preservação de suas histórias, pela memória e justiça. Conforme aponta Cueto Rúa (2010)

la agrupación H.I.J.O.S. se conformó en más de una decena de ciudades del país – y otras en el exterior [...] esta red está lejos de ser un espacio orgánico. Se trata más bien de diferentes agrupaciones cuyo núcleo común es un nombre y una serie de reivindicaciones ligadas a la defensa de los derechos humanos” (p. 138).

Ainda que haja divergências internas de estratégias de ação e de legitimidade, quanto a quem poderia reivindicar a participação no agrupamento, neste trabalho nos interessamos pelo discurso difundido pelo movimento de forma ampliada. Tomamos como argumento o pertencimento psicossocial ao grupo, o qual se pode notar nas comunicações em conjunto documentadas na Declaração final do encontro da Rede Internacional de Hijos, realizada em 2010, na Cidade do México¹⁰.

Um dos instrumentos de divulgação e articulação do movimento HIJOS¹¹ são os diretórios virtuais alimentados pelos agrupamentos de cada país. Os websites contribuem no resgate de parte da história e da memória social de cada nação e promovem o conhecimento por parte dos filhos de militantes de suas próprias vivências, reafirmando identidades e valorizando experiências. Neste trabalho, exploramos os documentos divulgados nestes websites, a fim de mapear os principais conteúdos veiculados, e, portanto, compreendermos esta forma de construção e preservação da memória.

MEMÓRIA, IDENTIDADE E CIBERESPAÇO

A discussão sobre a preservação da memória, sobretudo, da memória social enquanto patrimônio dos grupos sociais é própria do final do século XX, dado o caráter caótico e instável da pós-modernidade (Dodebei & Gouveia, 2008). Tal cenário, onde a transformação é inerente, contrasta com a necessidade de preservação de registros de fatos sociais importantes em acervos, museus, bibliotecas, monumentos. A tônica do ciberespaço definido por diferentes autores como Lévy (2000); Monteiro et al (2006) se delinea como meio virtual e comunicacional heterogêneo, marcado pela instabilidade. Nesse sentido, o ambiente *online* altera a essência da memória (permanência), já que sua base é a transformação e a velocidade de mudança das informações (Monteiro et al, 2006; 2008).

Os websites HIJOS surgem como possível espaço de conformação de memória de filhos de militantes políticos de oposição às ditaduras militares, reforçando, portanto, o que Nora (1993) e Sá (2009) apontam como “desejo de memória”. Tal desejo estaria marcado por uma intencionalidade de discutir, provocar e informar aos possíveis leitores, questões ainda obscuras acerca destes períodos políticos, marcados pela violência de regimes totalitários. Assim, o ciberespaço torna-se um espaço de luta, de fortalecimento de um movimento social mais amplo de denúncia e de mobilização por memória, verdade e justiça. Desse modo, a criação, permanência e existência de um website mantido por um movimento social, marca a

¹⁰ Disponível em: <http://www.hijosmexico.org/public/files/25ade8a6c295d64f716a2706391a3cbc.pdf>

¹¹ Neste trabalho adotamos a grafia HIJOS para nos referirmos aos diversos agrupamentos existentes nos países que utilizam esta sigla: Hijos por la Identidad y la Justicia contra el olvido y el Silencio.

resistência do grupo ao “desenterrar” memórias do medo e do esquecimento (Pollak, 1989).

Além de um espaço de resistência, de produção de memórias, as plataformas virtuais HIJOS, são espaços de construção de identidades. Segundo Jodelet (2012), a identidade social é resultado de dinâmicas sociais compostas por práticas, experiências e representações que têm como finalidade a proteção de valores sociais. Desta forma, a identidade se constrói na interação dos sujeitos com o meio social em que se encontram, ressaltando que tal processo é dinâmico, envolvendo negociações e transformações.

Tendo em vista todas estas condições, identidade e memória se encontram interligadas e mediadas pelas relações intergrupos. O conceito de memória social aqui utilizado, é definido por Sá (2009) como abrangente, incluindo diferentes tipos de memórias. A memória histórica, em sua vertente oral ou documental é formada por acervos orais e escritos, e pode-se dizer, neste sentido, que os websites são uma forma documental de registrar a memória de determinados grupos, neste caso, o grupo HIJOS. No caso específico do ciberespaço, os conteúdos vinculados configuram-se como documentos que conformam a memória histórica, já que esta também é constituída “... tanto [por] documentos históricos *stricto sensu* quanto [por] produções didáticas, midiáticas e artísticas posteriores [aos acontecimentos] (Sá, 2009: 94). Esses documentos recebem o *status* de memória histórica pelo fato de serem lidos, acessados, mobilizados por parte da sociedade.

O acesso a estes documentos no espaço virtual de produção de memórias e identidades pode proporcionar uma partilha de sentidos por aqueles que nunca acessaram o conteúdo diretamente, seja porque não viveram o contexto, ou devido a ausência de espaços de compartilhamento coletivo de lembranças. Consideramos que o acesso funcional e mobilizador neste espaço midiático, faz-se uma possibilidade de surgimento de “memórias adquiridas” (Sá, 2009), constituídas principalmente por meio da educação e mídia.

Sendo assim, discutiremos neste trabalho a contribuição dos websites HIJOS como importante ferramenta produtora de novas versões sobre as ditaduras militares na América Latina, que partem do discurso destes agrupamentos, mesclando memórias de diferentes gerações, o que contribui para a construção de uma memória histórica, marcada por lembranças/esquecimentos de fatos e experiências vividas, seja no momento dos acontecimentos, ou pelo desejo de memória.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de estudo documental, de caráter qualitativo. Compreende-se a pesquisa documental como um esforço para além da mera compilação e organização de textos, um exercício ativo de interpretação e inferência (Souza & Menandro, 2007), portanto, “permite construir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades” (Bauer, 2008: 192).

A fonte dos dados desta pesquisa foram websites HIJOS dos seguintes países: Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Colômbia, Guatemala, Peru e México¹². Em cada país, as plataformas apresentam organização própria de conteúdos, o que se materializa nas diferentes seções apresentadas nos sites. Neste sentido, foram

¹² Durante a elaboração deste trabalho, algumas plataformas encontravam-se fora do ar ou deixaram de ser alimentadas sem comunicado oficial.

selecionadas as seções que apresentavam características de produção e organização semelhantes dos textos, sendo consideradas para a coleta as seguintes seções: comunicados; postagens; documentos; manifestos; textos e informes.

A coleta dos dados se deu entre abril e junho de 2014, as informações obtidas foram agrupadas em uma base de dados de controle separada por país.

Utilizou-se a análise lexical, por meio do software ALCESTE PLUS (2014), que realiza a identificação de co-ocorrências de palavras em segmentos de textos, indicando, através da composição de classes de palavras fortemente associadas em um determinado discurso, elementos da organização geral, estruturação e significados do tema alvo (Kronberguer & Wagner, 2008).

Tendo em vista o papel interpretativo do pesquisador (Souza & Menandro, 2007), os resultados foram discutidos por meio de inferências em diálogo constante com as teorias de memória social e identidade social, cabendo, por conseguinte, a leitura dos dados, a nomeação das classes apresentadas pelo software, e a interpretação das relações apontadas pela análise estatística.

RESULTADOS

Na composição do *corpus* o software ALCESTE indicou 3187 UCE (60,69% ocorrências potencialmente analisáveis, frequência > 3 das formas reduzidas), e deste total 2624 foram analisadas (82,33%). A Classificação Hierárquica Descendente utilizou dois procedimentos envolvendo 14 e 16 palavras reduzidas.

O dendrograma resultante apresentou quatro classes, organizadas em dois grandes grupos que se opõem e se complementam. A nomeação das classes e das relações entre as classes se desenvolveu a partir da consideração das palavras plenas e das UCE, principalmente, aquelas de maior Q^2 (qui-quadrado), bem como, de referenciais temáticos e teóricos acerca do fenômeno investigado.

Figura 1: Classificação Hierárquica Descendente: Análise de dados dos websites Hijos

Classe 1 36%		Classe 2 23%		Classe 3 27%		Classe 4 14%	
Variáveis	Q ²	Variáveis	Q ²	Variáveis	Q ²	Variáveis	Q ²
*pais_7	652,1	*temp_1	233,11	*pais_6	1038,98	*pais_1	845,8
*id_447	90,52	*id_384	210,08	*id_377	132,8	*temp_2	81,27
*cont_2	87,72	*cont_1	189,02	*id_383	74,12	*cont_2	75,98
*id_449	71,02	*pais_2	155,58	*id_426	58,3	*id_281	36,07
Formas	Q ²	Classe 2	Q ²	Classe 3	Q ²	Classe 4	Q ²
estado	105,88	me	211,37	nuestro_organismo	239,55	plaza	305,87
crimen+	81,83	mi	195,89	paraguay+	230,66	mayo	208,83
lesa	77,45	ten+	93,43	argentin+	130,28	juicio+	204,07
humanidad	74,56	no	89,04	adrian_martinez_mor	109,36	genocid+	148,83
proces+	65,84	mundo+	78,56	nuestr+	87,52	esma	143,99
judicial+	63,43	hombre+	77,21	herman+	74,75	represor+	137,52
del+	56,5	era	63,61	operacion_condor	74,48	perpetu+	135,98
extrajudicial+	52,86	mujer+	59,11	companer+	73,95	clandest+	133,09
ejecucion+	47,64	gente	58,94	herm+	72,14	extermin+	106,97
gobierno+	47,36	mis+	52,46	asuncion	62,65	hora+	95,15
reparacion+	45,65	siempre	52,31	organ+	60,8	detencion+	90,02
caso	41,83	teng+	48,38	stronismo	48,53	jueves	82,27
TC	40,42	mano+	44,84	partido_colorado	48,4	castig+	82,16
hechos	39,62	yo	44,84	famili+	45,41	comun+	80,19
avance+	36,88	habl+	44,35	nuestros	44,94	tortur+	77,55
matanza+	35,34	pens+	43,97	secuestr+	43,02	march+	74,85
chavin_de_huantar	35,11	sueno+	43,97	desaparecid+	41,91	carcel+	73,33
terror+	35,07	justo	42,87	repudi+	41,91	federal+	72,77
indic+	31,85	grand+	40,64	maria_santa_moreira	39,92	lun+	71,56
procesados	31,57	otr+	39,58	detenid+	39,89	aparicion	71,04
museo	29,8	histor+	38,77	erp	38,27	fundadora	70,93
ley+	29,5	nosotros	37,44	nieto+	37,7	oral+	68,31
Absence	Q ²	Absence	Q ²	Absence	Q ²	Absence	Q ²
paraguay	-61	del	-81,00	sin	-33	nuestr	-27
mi	-47	nuestro_org	-26,00	pero	-28	paraguay	-19
companer	-47	ex	-24,00	lesa	-26	sus	-18
comparneros	-47	lesa	-24,00	crimen	-25	asi	-17
nuestro_org	-45	humanidad	-23,00	humanidad	-25	pod	-17
Dimensão Pública da Causa		Dimensão Privada da Causa		Dinâmicas paraguaias		Dinâmicas argentinas	
Luta pela Memória e Justiça				Dinâmicas Identitárias: reconhecimento e diferenciação			

Na Classe 1 *Dimensão Pública da Causa* (36%) notamos que as narrativas são majoritariamente relacionadas ao Peru (país_7), apresentando algumas características da luta travada pelo agrupamento HIJOS e outros movimentos, no âmbito na esfera pública e da batalha judicial, extrajudicial e política, frente a crimes de lesa-humanidade. Há, portanto, um embate constante nos campos da memória e da justiça, negociando significados em relação a crimes passados e a realidade presente. O léxico é marcado por elementos da realidade peruana, situando casos específicos onde Governo e Justiça se entrecruzaram, como no julgamento da Operação Chavín de Huántar. Neste caso, uma conversa de áudio entre a juíza responsável e um ministro do Governo peruano foi divulgada na imprensa. Os “terroristas” envolvidos do *Movimiento Revolucionario Túpac Amaru* apresentam-se com características próprias, buscando a reparação e o fim da matança, para além do período da ditadura no Peru, como, por exemplo, frente à causa indígena.

A Classe 2 *Dimensão Privada da Causa* (23%) apresenta um léxico marcado pela personalidade, sendo majoritária a presença de referências ao próprio grupo, como nos pronomes meu, me, eu, nós. Trata-se de um mundo de cada um, contado por cada homem e mulher, e capaz de mobilizar outros em nome destas histórias. A narrativa é própria do tempo passado, revelando lembranças e acontecimentos anteriores. As dinâmicas do Chile são essenciais para a composição da classe, contudo, notamos a presença de experiências de outros países como Paraguai e Peru, que compartilham o

aspecto pessoal dos relatos. Trata-se de um conjunto de memórias pessoais sobre os acontecimentos, ricas em afetos e relações familiares e de proximidade.

As Classes 1 e 2 em conjunto revelam uma dinâmica de *Luta pela Memória e Justiça*, uma vez que ambas trazem modos diferenciados de tratar as questões essenciais para o agrupamento HIJOS, passando da esfera privada a pública, negociando a preservação da memória, mas também a luta pelos direitos humanos na atualidade. Parece haver uma dinâmica de atualização da memória, diante da publicização dos relatos e dos consequentes desdobramentos de julgamentos e processos que continuam a caminhar no âmbito jurídico. Tal atualização ocorre, no entanto, a partir de dinâmicas intergrupais que visam à proteção intergrupala, tencionando as batalhas entre aquilo que pode ser revelado ou deve ser silenciado.

A Classe 3 *Dinâmicas paraguaias* apresenta elementos maciçamente relacionados ao contexto do Paraguai. A variável relativa ao país apresenta o maior qui-quadrado do corpus ($Q^2=230,66$). A identidade do grupo é exaltada com a referência aos feitos do “nosso organismo”. Várias formas plenas fazem referência ao país, tais como, Paraguay, Assuncion, Stronismo e Partido Colorado. São mencionados nomes de companheiros do agrupamento, sendo sempre reforçada a atuação coletiva. Parece haver uma dinâmica identitária que aproxima os sujeitos do grupo com outros latino-americanos, sobretudo, em relação aos argentinos, seja como ponto de proximidade ou de diferenciação.

A Classe 4 *Dinâmicas argentinas* corresponde a 14% do corpus. Apresenta predominantemente narrativas do grupo argentino, sendo diversos os elementos do contexto do país, como a Praça de Maio, Esma e (línea) Fundadora. Inclui a palavra plena de maior valor do corpus, *plaza*. Há palavras de ordem muito claras como genocídio, repressor, clandestinidade, extermínio, detenção, castigo, tortura. Como se trata do grupo HIJOS mais antigo, e por isso, de maior convívio entre os pares, o discurso parece ser mais homogêneo, e, portanto, não revela muitos contrastes.

Em conjunto as Classes 3 e 4 referem-se a *Dinâmicas Identitárias: reconhecimento e diferenciação*. Em ambos os grupos, argentino e paraguaio, a coesão grupal é essencial, dada a valorização e proteção de seus pares, assim, cada agrupamento mostra formas complementares de atuação do HIJOS.

A oposição entre os conjuntos 1 e 2; 3 e 4 explica-se pela força que as dinâmicas pessoal, grupal e coletiva exercem sobre o agrupamento HIJOS. A organização do dendrograma aparenta revelar cada uma dessas instâncias: Classe 1 (pública/política), Classe 2 (privada/pessoal), Classes 3 e 4 (grupala). A construção de memória e identidade do grupo parece se desenvolver nesse embate entre as esferas, ora fortalecendo-se na atuação pública, ora construindo um saber sobre si e sobre o outro, a partir das lembranças de cada um.

DISCUSSÃO

A análise revelou importantes aspectos do campo dos direitos humanos nos países latino-americanos, sobretudo, àqueles que se referem aos períodos ditatoriais e ao processo de redemocratização. Assim, inicialmente discutimos a participação de familiares de militantes na composição do campo.

A definição dos crimes de lesa-humanidade se torna uma dimensão importante para a discussão que se segue. Tal designação foi estabelecida nos Princípios de Nuremberg, em 1950, como atos desumanos contra a população civil, que se dariam em ambientes de situações hostis e de conflitos generalizados. Essa definição foi

aprovada pela Organização das Nações Unidas (ONU) no mesmo ano, e aceita por praticamente todos os tribunais penais internacionais, assim como a Corte Interamericana de Direitos Humanos. Tornou-se estabelecido, segundo tais acordos e instituições, que estes crimes devem ser investigados e punidos, sem prescrição criminal (Piovesan, 2012; Ceia, 2013).

Os Estados que firmaram o Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (1966) e a Convenção Americana sobre Direitos Humanos (1969) se comprometeram a investigar e punir as situações de crimes ocorridas em seus territórios, que ferissem tais acordos. Contudo, nota-se que tais acordos não foram cumpridos em sua totalidade.

Nos países latino-americanos, em que houve essas violações, a fragmentação dos organismos políticos democráticos durante os regimes de exceção acabou por possibilitar a emergência de diferentes movimentos de denúncia às arbitrariedades dos governos¹³, tal qual sinaliza Alonso (2006) no caso argentino “es evidente que la tardía movilización partidaria y las inconsistencias de las respuestas dictatoriales permitieron a sus agrupaciones [dos familiares] una ocupación privilegiada del espacio público” (p. 01). Desta forma, os organismos de direitos humanos que nasceram neste contexto, contribuíram para a agenda de debate, tornando-se espaços legitimados para a discussão pública, política e judicial dos crimes ditatoriais (Alonso, 2006).

Segundo Catela (1999), os familiares foram os primeiros a denunciar e internacionalizar a problemática dos desaparecidos na Argentina. Situação semelhante se desenvolveu em outros países latino-americanos, nos quais “las metáforas de sangre son utilizadas, actualizadas y resignificadas una y otra vez, cuando es necesario hacerse escuchar, narrar el horror, expresar para un público hechos tan inexplicables” (Catela, 1999: s/n). Para Jelin (2007) o uso da condição de familiares se deu como forma de sustentar um lugar diferenciado no conjunto de movimentos em prol dos direitos humanos, no qual o dado genético garantiria na esfera pública argentina, a legitimidade da luta dos “afectado/a directo/a” (p.39) pelos efeitos da perseguição, prisão e exílio.

Para Cueto Rúa (2010), a centralidade do conteúdo humanitário das denúncias, assim como a necessidade de distanciar-se da militância revolucionária, situaram o discurso dos direitos humanos em um ponto distinto dos protagonistas das lutas dos anos de 1970. Nesse sentido, se compreende as constantes referências às Madres de Plaza de Mayo e suas posições críticas da violência política insurgente. Em análise do contexto argentino, Jelin (2007) aponta que o “familismo” foi duplamente utilizado do período dos anos 1970, tanto pelo governo quanto pelos movimentos dos direitos humanos. A família era apontada pelo governo ditatorial argentino como a célula básica da nação que deveria ser protegida contra os perigos da subversão. Já os grupos de luta pelos direitos humanos associados aos familiares de militantes se assentaram na imagem das violações de seus entes queridos, e por tanto, na violência do Estado contra a imagem da “família de bem” que ele prometera proteger. Portanto, coube a esses grupos figurar enquanto guardiões das memórias e da história a ser contada sobre tal período, já que os mesmos foram os responsáveis pela “centralidad de la demanda por justicia [e] la hegemonía de la noción de derechos humanos” (Cueto Rúa, 2010: 128).

¹³ No momento inicial, a reivindicação se concentrou nas pautas de denúncia de violações de direitos humanos; cenário que gradativamente foi se modificando para as demandas por “verdade e justiça”. No entanto, cabe ressaltar que essa dinâmica vem se desenvolvendo de maneiras distintas nos diferentes países latino-americanos.

Ainda que o parentesco tenha sido um importante elemento inicial para legitimar a defesa dos direitos humanos e a busca pela preservação da memória de seus entes, levou, também, em alguns casos a uma desagregação dos membros do grupo: “Es como si en la esfera pública del debate, la participación no fuese igualitaria sino estratificada de acuerdo a la exposición pública del lazo familiar; un proceso que puede paradójicamente implicar nuevos conflictos y tensiones en el proceso de democratización y en la promoción de la igualdad” (Jelin, 2007: 45).

Somado a esse contexto, durante os processos de redemocratização a necessidade de novos arranjos políticos conciliatórios barraram os avanços das demandas por justiça. Os organismos de direitos humanos viveram, em consequência disso, progressivos abalos na receptividade e interesse social frente às suas reivindicações (Alonso, 2006). Diante de tal cenário, novos movimentos argentinos surgiram, ancorados nas experiências dos já consagrados movimentos dos familiares, contudo, diferenciado-se

En paralelo temporal, se constituyó definitivamente [...] la agrupación Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio (H.I.J.O.S.), novedosa organización juvenil que recuperaba no sólo las banderas del movimiento sino que además reivindicaba los objetivos de transformación social que habían inspirado la lucha de sus padres desaparecidos, asesinados, presos o exiliados. Se iniciaba así una nueva fase de movilización... (Alonso, 2010: 77)

O agrupamento “Hijos por la Identidad y la Justicia contra el Olvido y el Silencio (H.I.J.O.S.) surge na Argentina no ano de 1994. Segundo a versão dos seus integrantes¹⁴, a rede nacional de H.I.J.O.S. foi formada a partir de contatos pessoais, encontros em ambiente universitário e a partir da inserção desses jovens em outras organizações de familiares, como as Madres. A partir da identificação e reconhecimento mútuo, os *hijos* começaram a recordar coletivamente as trajetórias de seus pais, a relacionar-se com outros coletivos e a se organizarem. Sendo herdeiros das lutas travadas anteriormente pela *madres* e *abuelas*, a filiação e parceria do grupamento é inegável, ficando evidente na análise de trecho referentes a Classe 4 – *Dinâmicas argentinas*:

““Justicia legal, jamás justicia por mano propia”, nos dijeron nuestras Madres mil veces, como una promesa, un mandato, como una plataforma política. Porque estas mujeres, que nos formaron y marcaron el camino, entendieron mejor que nadie que la revancha es siempre una mala decisión personal, que nunca puede contener a todos los que cabemos dentro del reclamo genuino y sostenido por el pueblo argentino”. (HIJOS/Argentina)

No primeiro momento os encontros do grupamento HIJOS, serviam para coletivizar a dor, para transmitir experiências e memórias, de tal forma que o grupo tornou-se um lugar de contenção emocional ao sofrimento (Catela, 1999; Cueto Rúa, 2008). Ainda que tal aspecto seja marca do início do movimento, notamos a continuidade de tais características nas publicações vinculadas pelas plataformas virtuais HIJOS:

“Año 89’ fue el año del regreso (...) Eran demasiadas las emociones que sentía, recuerdo que ver la cordillera me causo una emoción muy grande (...) Al fin nos bajamos del avión y la música que sonaba era “Vuelvo” de Illapu, canción que hasta el día de hoy me emociona” (HIJOS/Colombia).

¹⁴ <http://hijos.org.ar>

A abordagem psicossocial da memória, empregada neste trabalho, rompe com a tradição que exterioriza os fenômenos de memória frente aos indivíduos, e portanto, reafirma que “são as pessoas que se lembram, embora a forma e boa parte do conteúdo das suas memórias sejam socialmente determinadas, pelos grupos, pelas instituições, pelos marcos mais amplos da sociedade, por recursos culturalmente produzidos” (Sá, 2007: 291). Deste modo, as diferentes construções de memória serão marcadas pelo impacto do cenário macrosocial.

Dessa maneira, o conceito de Memórias Pessoais parece crucial para análise do *corpus* da pesquisa, tendo em vista que o conjunto de textos revela, de forma ampla, lembranças de uma sociedade e de um tempo, que se sustentam nas recordações de cada membro do grupo. De forma preponderante a Classe 2 - *Dimensão Privada da Causa* - revela elementos de memórias pessoais, fortemente marcadas pelo caráter emocional tal como o trecho mencionado acima. Ao construir os relatos, os integrantes do grupo mobilizam sentimentos que contribuem para o fortalecimento da identificação entre os pares, e para a construção de uma imagem comum do grupo. Cabe lembrar que os elementos textuais reunidos são originados de publicações de praticamente todos os países representados na coleta, o que reforça a possibilidade de uma análise ampliada do agrupamento HIJOS.

Os relatos referidos à Classe 2 dão conta do grande sofrimento e do sentimento de confusão em relação a própria identidade que marca as experiências dos HIJOS. Há inúmeras narrativas em que se destacam referências diretas às pertencas grupais, às experiências familiares e às vivências durante o exílio

“Es difícil vivir con ese sentimiento muchas veces de no saber adonde uno pertenece, si se es holandesa o chilena. [...] fue una gran alegría [ingresar ao HIJOS] al fin estaba con personas que compartían la misma historia que nos vinculaba con esta dictadura de dolor” (HIJOS/Chile).

A identidade destes sujeitos sofreu grandes abalos, em detrimento das experiências de distanciamento dos pais (com criação sendo delegada a parentes ou a desconhecidos) ou mesmo com o rompimento abrupto das relações estabelecidas com suas comunidades locais, tendo sido lançados ao desconhecido do exílio. Em análise das experiências de filhos de militantes chilenos que viveram no exílio na França, afirma Pinto Luna (2013):

La identidad del exiliado así como la del retornado fue criminalizada, demonizada, fue sinónimo de delincuente, terrorista, subversivo, y sus proyectos políticos e ideológicos fueron presentados ante la sociedad como los causantes de todos los problemas que había vivido el país, justificando así al golpe de Estado como el remedio salvador. Esto fue para los hijos una carga adicional de sufrimiento, aun cuando tienen conciencia que ese discurso negativo estaba dirigido a sus padres. (p.171)

Assim, muitos *hijos* acabaram buscando espaços e relações sociais que não colocassem em conflito sua identidade e história pessoal, ou mesmo, racionalizavam uma imagem positiva do exílio, a fim de tentar eliminar o conflito interno, pois teriam, ao longo da vida, a tarefa de compreender sua relação com o outro e sua relação com a dupla identidade a que estão ligados, uma vez que "la identidad, da cuenta de un origen, una historia a través de la cual somos lo que somos en el presente y proyectamos en un futuro". (Pinto Luna, 2013: 171). Neste sentido, a formação do grupo HIJOS inaugura a possibilidade destes atores contarem suas histórias e romperem o silêncio e o esquecimento.

Após seus primeiros movimentos, o agrupamento HIJOS encontrou grande

capilaridade entre os movimentos sociais à época e ganhou legitimidade frente à sociedade (Alonso, 2010; Cueto Rúa, 2010), pois a renovações apresentadas “incluyeron aspectos políticos (formas de acción como los escraches, concepción de la justicia social) y estéticos tanto en su forma de organización interna como en el proceso de identificación que los condujo a determinadas acciones colectivas” (Raina, 2012: 09).

A Classe 4 traz inúmeros exemplos da atuação pública atual do HIJOS, sendo comuns os comunicados e convocatórias divulgados nos websites que são assinados conjuntamente por outros grupos de direitos humanos vinculados a causa de familiares. Em algumas ocasiões são inclusive organizadas ações em conjunto:

“Se realizará el lunes 5 de septiembre a las 18:30 horas en el Auditorio de UTE [...]. Panelistas: Madres de Plaza de Mayo Línea Fundadora [...] Familiares de Desaparecidos y Detenidos por Razones Políticas, [...] Abuelas de Plaza de Mayo. [...] Moderador: H.I.J.O.S” (HIJOS/Argentina).

Internamente, enquanto grupo mobilizado, a organização foi passando por transformações em sua configuração¹⁵, mas sempre se notabilizando pela seu caráter de assembleia e estrutura horizontal, assim como, representantes de um novo sujeito político que, além das reivindicações por justiça e penalização aos responsáveis pelas violações de direitos humanos, buscou conjugar uma ação política e social voltada também para a atualidade (Alonso, 2010). Desta forma, as ações dos agrupamentos HIJOS estão direcionadas para apontar as continuidades e consequências sociais das ditaduras; mudanças reais no cenários atuais (como observadas na Classe 1 - *Dimensão Pública da Causa*), assim como delinear os impactos pessoais que o terrorismo de Estado trouxe à vida dos envolvidos, como salientado na Classe 2.

As classes 1 e 2, embora destaquem as dimensões públicas e privadas da luta pela memória e pela justiça, reúnem também as estratégias identitárias dos sujeitos em um movimento de integração e diferenciação.

Assim, na Classe 2, ainda que as memórias pessoais sejam o elemento de suporte à partir do qual outros elementos factuais são associados, notamos que diferentes extratos de texto possuem aspectos semelhantes, sinalizando a presença de memórias comuns, pertencentes à pessoas que foram expostas ou tiveram acesso aos fatos acontecidos, ainda que as mesmas não tenham tido qualquer tipo de contato. Tais memórias servem aqui para enriquecer e sustentar a atuação do grupo na esfera pública na busca por verdade e justiça.

Os relatos da Classe 1 apresentam de forma bastante coesa a atuação pública do grupo HIJOS/Peru no que tange às violações aos direitos humanos. A classe apresenta pautas para além das questões relacionadas ao desaparecimento ou assassinato de opositores da ditadura de Fujimori. Vê-se demandas atuais de outros

¹⁵ Conforme apontam Raina (2012), Alonso (2010) e Cueto Rúa (2008) desde sua fundação, o agrupamento HIJOS foi cercado por tensões políticas, debates sobre quem poderia requerer a participação no grupo, ocasionando a desmobilização de alguns integrantes e rupturas: “algunas regionales desembocaron en una ruptura en Capital Federal y La Plata – las más importantes por su envergadura y trascendencia político-social [...] La ruptura se expresó en la formación de una agrupación más cercana a la izquierda marxista tradicional, vinculada con Madres de Plaza de Mayo – línea de Hebe de Bonafini e identificada como HIJOS (“sin puntitos”) que compite por el reconocimiento social y político con H.I.J.O.S. (“con puntitos”). [...] La confusión entre ambos grupos es particularmente visible en las páginas de la Internet o en los registros periodísticos de sus actividades, pero en la práctica sólo la agrupación original mantuvo una red nacional en funcionamiento, asociada a Madres de Plaza de Mayo – Línea Fundadora (Alonso, 2010: 123).

grupos afetados pela violência/negligência do Estado, chamando atenção, sobretudo, a questão indígena, que é crucial para dinâmica identitária daquele país “*actualmente existen serios cuestionamientos a la ampliación del proyecto de gas (...) en la reserva territorial Kugapakori, Nahua, Nanti por amenazar la supervivencia física y cultural de los pueblos indígenas en aislamiento voluntario que allí habitan*” (HIJOS/Peru). Tal dinâmica de negociação entre elementos atuais e passados marca os fenômenos de memória social, pois como afirma Sá (2007) “o que é lembrado do passado está sempre mesclado com aquilo que se sabe sobre ele” (p. 291).

Ainda que a análise de memórias comuns possa sugerir uma forte homogeneidade do *corpus*, principalmente internamente às Classes, cabe situar que as dinâmicas identitárias tensionam o processo de diferenciação entre os agrupamentos de países diversos ou ainda os localizados no mesmo país. É importante ressaltar que é a partir da prática do escrache que o grupo argentino se diferencia dos demais grupos de direitos humanos. Imprimindo uma nova forma de se fazer política e de se manifestar publicamente, o escrache deveria ser um meio de se fazer justiça e chamar a atenção da opinião pública para algumas filiais do agrupamento, já para outras seria uma ferramenta de justicamento, com a exposição e ridicularização daqueles que estiveram envolvidos nos atos de violação durante as ditaduras (Raina, 2012). A Classe 3 – *Dinâmicas paraguaias* e Classe 4 – *Dinâmicas argentinas*, refletem o jogo identitário coletivo entre movimentos de dois países. Por um lado, ressalta-se a coesão interna do grupo ao mesmo tempo em que salientam-se as diferenças, no sentido de complementaridade.

Estas identificações e diferenciações dependem das relações intra e intergrupos e nelas se baseiam e são baseadas as representações construídas acerca de determinado grupo social: as representações identitárias, que “permitem aos indivíduos elaborar e manter conhecimentos a propósito deles mesmos e de outrem, dos diferentes grupos de interação” (Deschamps & Moliner, 2009: 81). As representações que se relacionam aos processos identitários anunciam “o espaço de sujeito, em sua relação com a alteridade do mundo, lutando para dar sentido, interpretar e construir os espaços nos quais se encontra” (Jovchelovitch, 2000: 81). Tal fenômeno se evidencia nos elementos textuais encontrados no HIJOS/Paraguai “*Gracias a Nuestro Organismo: el Estado Argentino solicitara a Paraguay documentos de la compañera detenida - desaparecida en Paraguay en 1981*” (HIJOS/Paraguai), demonstrando, assim, uma ação que tem impacto na realidade de ambos os países.

Na Classe 3 os elementos encontrados relacionam-se majoritariamente ao HIJOS/Paraguai. A identidade do grupo é valorizada a partir da evocação de uma memória comum do agrupamento, na qual estão incluídas as realizações, encontros e causas do agrupamento. No caso dos relatos bibliográficos, histórias de violações referentes à infância, como o sequestro de crianças, são os mais frequentes. Delata-se, portanto, uma das principais estratégias das forças armadas paraguaias, em parceria com outros organismos durante a Operação Cóndor *El 16 de Septiembre [...] se debatió el accionar represivo de la Dictadura Argentina en conjunto con la Dictadura Cívico-Militar de Alfredo Stroessner Matiauda que asoló nuestro pueblo entre 1954 y 1989; en el marco de la denominada "Operación Cóndor"*. (HIJOS/Paraguai). Neste ponto, notamos que ocorre uma aproximação entre os agrupamentos HIJOS dos diversos países, que sofreram conjuntamente as consequências da operação.

A dinâmica identitária expressa nos relatos na Classe 3 marca a necessidade do HIJOS/Paraguai diferenciar-se enquanto organização, sendo constantes elementos

referentes a valorização endogrupal (Tajfel, 1983). Em alguns textos o agrupamento paraguaio referencia a Argentina como parceira na tentativa de intermediar as medidas austeras tomadas pelo Governo paraguaio, já em outros, são mencionados os paraguaios que estavam na Argentina no momento de prisão ou desaparecimento, em referencias diretas à Operação Cóndor e ao Arquivo do Terror.

Assim, ainda que o grupamento HIJOS apresente uma rede internacional, a experiência do grupamento argentino parece servir de principal referência para os demais países. O aspecto fundador de suas práticas, assim como o aprofundamento e desenvolvimento, ao longo dos anos, das demandas por verdade e justiça e à preservação da memória, marcam os diferentes processos experimentados de distintas maneiras nos países latino-americanos. Nesse sentido, sua consolidação e reconhecimento na Argentina, bem como, sua organização e representação política, acabam por balizar os caminhos da atuação dos demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho prezou por conhecer os diferentes grupos de filhos de militantes que se organizam sobre a sigla HIJOS em uma rede internacional latino-americana. Tal intento foi centrado nos conteúdos que as próprias organizações veicularam na rede mundial de computadores, ou seja, o objetivo do trabalho foi conhecer os organismos desde uma “perspectiva externa” através da análise de material textual que os grupos escolheram “mostrar ao mundo”.

Nos interessou, de modo especial, as memórias reveladas a partir do suporte documental, mas não desprezamos as inúmeras outras formas de mobilização de que dispõe o agrupamento HIJOS, tais como, as ações públicas do grupo e o contato pessoal entre seus membros, compondo, portanto, um recorte das comunicações produzidas. Nosso trabalho não encerra as possibilidades analíticas, que sem dúvida, podem revelar novas nuances do fenômeno. Se para Sá (2013) o estudo da memória coletiva dedica-se a compreensão de elaborações simbólicas e práticas nascidas da interação entre os membros do grupo social, os websites HIJOS parecem revelar-se meio profícuo para a construção de tais memórias.

A partir da publicação de narrativas pessoais parece ocorrer a mobilização, que coloca o grupo em movimento na construção de novos saberes sobre o passado, como também em ações que modificam sua realidade atual. Essa mobilização não se esgota na medida em que ela não cessa “de concordar com [as] memórias e [com as] lembranças que nos recordam ... reconstruída sobre um fundamento comum (...) que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros (Halbwachs, 1990: 34).

Os textos divulgados representam ricas fontes para apreensão das dinâmicas identitárias vivenciadas por seus membros, além de fornecer elementos diferenciados para a construção de uma memória histórica sobre os regimes ditatoriais na América Latina. Os textos divulgados revelam a arena de “conflictos y consensos entre los distintos sectores de la sociedad; campo en el que se trata de construir un relato coherente, donde imaginación, acontecimientos y olvidos se entrecruzan, teniendo más en cuenta las necesidades del presente que la fidelidad del pasado (Souroujon, 2011: 253).

Ainda que o Brasil não integre a rede internacional do grupo HIJOS, em dezembro de 2014, em uma atividade da Comissão da Verdade do Rio de Janeiro, foi criado o Grupo Filhos e Netos por Memória, Verdade e Justiça, pensado a partir do acompanhamento psicológico oferecido pelo projeto da Comissão da Anistia do Ministério da Justiça, Clínicas do Testemunho. A reunião de tal grupo, aos moldes

dos agrupamentos HIJOS, proporciona o enriquecimento do processo de elaboração da memória da ditadura militar no Brasil, principalmente no que se refere às segundas e terceiras gerações de atingidos. Dessa forma, esperamos que num futuro, a análise das memórias de filhos de militantes que sofreram as sevícias das ditaduras possam abarcar elementos brasileiros, ainda que por hora, este trabalho não possa elucidar tais construções.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, Maria Hermínia Tavares de, & Luíz Weís 1997 “Carro-Zero e Pau-de-Arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar” Lilia Moritz Schwarcz (org.) *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea* Vol. 4 (São Paulo: Companhia das Letras).

Alonso, Luciano 2006 “La crisis del movimiento por los derechos humanos en la restauración republicana argentina Un enfoque situado” en Anuario N° 21 de la Escuela de Historia – Facultad de Humanidades y Artes UNR Rosario.

Alonso, Luciano 2010 “Defensa de los derechos humanos y cultura política: entre Argentina y Madrid, 1975-2005” edición en línea de la Universidad Internacional de Andalucía Santa María de La Rábida / Sevilla.

Bauer, Martin 2008 “Análise de conteúdo clássica: uma revisão” Martin Bauer & George Gaskell (orgs.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (Petrópolis: Vozes).

Catela, Ludmila da Silva 1999 *Hijos de desaparecidos, hilo de memoria para el futuro* (Río de Janeiro: PPGS-IFCS-UFRJ).

Ceia, Eleonora Mesquita 2013 “A jurisprudência da Corte Interamericana de Direitos Humanos e o desenvolvimento da proteção de Direitos Humanos no Brasil” *R. EMERJ* Vol.16, N° 61.

Cueto Rúa, Santiago 2008 “Nacimos en su lucha, viven en la nuestra Identidad, justicia y memoria en la agrupación HIJOS-La Plata [en línea]” Trabajo final de grado Universidad Nacional de La Plata Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación.

Cueto Rúa, Santiago 2010 “Nacimos en su lucha, viven en la nuestra” Identidad, justicia y memoria en la agrupación HIJOS-La Plata Reseña de tesis” *Revista Aletheia* Vol. 1, N° 1.

Deschamps, Jean Claude & Moliner, Pascal 2009 *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais* (Petrópolis: Vozes).

Dodebei, Vera & Gouveia, Inês 2008 “Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer” *Revista de Ciência da Informação* Vol. 9, N° 5.

Dorfman, Adriana, & Cardin, Eric Gustavo 2014 “Estratégias espaciais do ativismo em condição fronteiriça no Cone Sul” *Cuadernos de Geografía - Revista Colombiana de Geografía*, Vol. 23, N° 2.

Halbwachs, Maurice 1990 *A Memória Coletiva* (São Paulo: Vértice).

Jelin, Elizabeth 2007 “Víctimas, familiares y ciudadanos/as: las luchas por la legitimidad de la palabra” *Cadernos Pagu*, Vol. 29.

Jodelet, Denise. 2012 “Conflits entre historie mémorielle et historie historique” *Psicologia e saber social* Vol. 1, N° 2.

Jovchelovitch, Sandra 2000 *Representações Sociais e Esfera Pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil* (Petrópolis: Editora Vozes).

Kronberguer, Nicole & Wagner, Wolfgang 2008 “Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos” Martin Bauer & George Gaskell (orgs.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (Petrópolis: Vozes).

Lévy, Pierre (2000) *Cibercultura* (São Paulo: Editora 34).

Monteiro, Silvana, Ana Carelli, & Maria Elisa Pickler 2006 “Representação e memória no ciberespaço” *Ciência da Informação* (Brasília) Vol. 35, Nº 3.

Monteiro, Silvana, Ana Carelli, & Maria Elisa Pickler 2008 “A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento” *Revista de Ciência da Informação* Vol. 9 Nº 6.

Nora, Pierre 1993 “Entre memória e história: a problemática dos lugares” *Projeto História* (São Paulo) Vol. 10.

Novato, Marcos & Palermo, Vicente 2007 *A ditadura militar argentina 1976-1983: do golpe de Estado à restauração da democracia* (São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo).

Olivier, Dabène 2003 *América Latina no século XX* (Porto Alegre: EDPUCRS).

Ovando Santana, Cristian 2012 “La seguridad internacional en la proyección de Chile hacia el cono sur: ¿desde la doctrina de la seguridad nacional hacia la construcción de comunidades de seguridad o la emergencia de la securitización?” *Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad* Vol. 7, Nº 2.

Pa, Alfredo Boccia 2008 “Los “archivos del horror” del Paraguay: los papeles que resignificaron la memoria del stronismo” Fico, Carlos; Ferreira, Marieta de Moraes; ARAUJO, Maria Paula & QUADRAT, Samantha Viz (orgs) *Ditadura e democracia na América Latina* (Rio de Janeiro: FGV).

Padrós, Enrique Sena 2009 “A Operação Condor e a conexão repressiva no Cone Sul: a luta pela verdade e pela justiça” *Revista Organon* Vol. 23 Nº 47.

Penna Filho, Pio 2009 “O Itamaraty nos anos de chumbo: o Centro de Informações do Exterior (CIEX) e a repressão no Cone Sul (1966-1979)” *Revista Brasileira de Política Internacional* Vol. 52, Nº 2.

Pinto Luna, Candelaria del Carmen 2013 “Los hijos de los exiliados vuelven a Chile: Dilemas y desafíos para la integración memoria e identidad [en línea]” Tesis de posgrado. Universidad Nacional de La Plata Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación En Memoria Académica.

Piovesan, Flávia 2012 “Direitos Humanos e diálogos entre jurisdições” *Revista Brasileira de Direito Constitucional –RBDC* Nº 19.

Pollak, M. 1989 “Memória, esquecimento e silêncio” *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro) Vol. 2, Nº 3.

Raina, Andrea 2012 “Memorias e identidades al interior del grupo de familiares afectados por la última dictadura militar argentina” El caso de hijos de detenidos-desaparecidos en Santa Fe *Revista Aletheia* Vol. 2, Nº 4.

Sá, Celso Pereira de 2007 “Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial” *Psicologia Reflexão e Crítica* Vol. 20, Nº2.

Sá, Celso Pereira de 2009 “A memória histórica numa perspectiva psicossocial” *Morpheus* Nº 14.

Sá, Celso Pereira de 2013 “A psicologia social da memória: uma sistematização teórico-conceitual” Celso Pereira de Sá; Paulo Rogério Menandro & Luciene Alves Miguez Naiff (orgs.) *Psicologia Social e o Estudo da Memória Histórica: o Caso dos Anos Dourados no Brasil* (Curitiba: Appris).

Souroujon, Gastón 2011 “Reflexiones en torno a la relación entre memoria, identidad e imaginación. Andamios” *Revista de Investigación Social* Vol. 8, Nº 17.

Souza, Lidio & Menandro, Paulo Rogério 2007 “Pesquisa documental em psicologia: a máquina do tempo” Maria Margarida Pereira Rodrigues & Paulo Rogério Menandro (orgs.) *Lógicas Metodológicas: trajetórias de pesquisa em psicologia* (Vitória: UFES – Programa de Pós-Graduação em Psicologia / GM Gráfica Editora).

Tajfel, Henri 1983 “Categorização social, identidade social e comparação social” *Grupos Humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social* Vol. 2 (Lisboa, Livros Horizonte).

Teles, Janaína Almeida 2010 “Os familiares de mortos e desaparecidos políticos e a luta por verdade e justiça no Brasil” Edson Teles & Vladimir Safatle (orgs.) *O que resta da ditadura: a exceção brasileira* (São Paulo: Boitempo).